

“Bom Dia, Comunidade!": Autonomia, Afetividade e Aprendizagem significativa na formação em Psicologia Comunitária

David Vieira de Araujo<sup>1</sup>

James Ferreira Moura Junior<sup>2</sup>

## Resumo

Este trabalho tem como objetivo difundir um pouco sobre a experiência dentro do projeto de extensão “Bom Dia, Comunidade!”, vinculado ao Núcleo de Psicologia Comunitária da Universidade Federal do Ceará (NUCOM). O projeto surgiu como uma forma de aproximar os estudantes da graduação ao NUCOM, assim como propiciar um espaço de formação acerca do tema da Psicologia Comunitária. Consiste na promoção semestral de pelo menos um grupo de discussão e vivências (que é divulgado como grupo de estudos) e se estrutura em cima de quatro eixos: Teórico, Prático, Instrumental e Poético. Esses eixos visam a apropriação teórica e instrumental, o contato com a realidade e a produção científica e artística. Tais características são importantes, pois evidenciam o quanto o projeto procura manter processos democráticos e pautados na autonomia e participação, tanto na decisão dos rumos do projeto quanto na condução dos encontros e atividades a serem desenvolvidas no decorrer do semestre. Nos grupos também encontramos aspectos da Aprendizagem Significativa, pois suas metodologias visam gerar debates em que os participantes colaboram com as discussões a partir de seus sentidos, suas histórias de vida e suas realidades, se contrapondo a um modelo de educação bancário ou depositário. Trazemos também o quanto o espaço ao longo do tempo tem se configurado como um espaço de acolhida e de formação de vínculos, não descolando o campo da afetividade do campo da formação acadêmica. A formação de vínculos ocorre devido à postura facilitadora que os extensionistas do projeto procuram manter e à relação horizontal em relação com os demais participantes. Por fim, pode-se concluir que o grupo se configura como espaço propício não apenas para o desenvolvimento intelectual, mas também para o desenvolvimento pessoal dos seus participantes, e geralmente trata-se de um canal de aproximação dos estudantes da graduação com o Nucom e com a Psicologia Comunitária.

**Palavras-chave:** Psicologia Comunitária; Formação Acadêmica; Cooperação Universitária

---

<sup>1</sup> Graduando do curso de Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, atual membro do Núcleo de Psicologia Comunitária da Universidade Federal do Ceará e membro do Centro Acadêmico do curso de Psicologia na atual gestão GERMINAR

## Introdução

Este trabalho surge a partir da necessidade de se realizar uma primeira sistematização a respeito dos princípios, vivências e reflexões do Projeto de Extensão de nome “Bom Dia, Comunidade!”, vinculado ao Núcleo de Psicologia Comunitária da Universidade Federal do Ceará (NUCOM). Possui como objetivo sistematizar, refletir e difundir o que está sendo produzido em termos de experiências e vivências dentro das atividades do projeto, que é comumente chamado de “Bom Dia” pelos seus facilitadores e membros que, geralmente, se vinculam ao projeto de forma afetiva. Também possui como objetivo servir de texto inicial para os futuros facilitadores do projeto, contribuindo para que estes possam melhor entender sua estrutura, inclusive, conseguindo perceber os aportes teóricos que fundamentam as ações, e para que projeto se mantenha fiel aos seus princípios.

Possui como metodologia a análise das vivências dentro do projeto em articulação com categorias teóricas da psicologia histórico-cultural, teoria rogeriana e da psicologia da libertação, principalmente por parte do autor, que participou deste por dois anos seguidos; um semestre enquanto participante e três semestres enquanto facilitador. Vale salientar que esta sistematização parte da prática para se sistematizar em teoria, e que, historicamente, muito dos princípios e metodologias do projeto partiram de experiências práticas e experimentações do que de reflexões teóricas, culminando, neste trabalho. Tal movimento se assemelha bastante ao movimento que Martin-Baró denomina de Realismo Crítico (2009), pressupondo que a ciência deveria partir da realidade, da prática, deve estar enraizado no fazer real e concreto, ao invés de seguir o movimento que tradicionalmente nos é colocado de que a teoria é criada a princípio para então ser colocada em prática<sup>3</sup>. Seguindo esta lógica, Nepomuceno ET AL (2008, p.459) colocam que “as teorias não definiriam a realidade social, mas essa realidade é que exigiria teorização e produção de conhecimentos”, e este é o caminho que atualmente se está percorrendo com a produção de conteúdo acadêmico acerca do Bom Dia.

---

<sup>2</sup> Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará e membro do Núcleo de Psicologia Comunitária da UFC.

<sup>3</sup> Os autores, entretanto, não resumem o Realismo Crítico apenas a sua dimensão de modo de relação entre ciência e realidade social. Conforme coloca Nepomuceno ET AL (2008) vai além, tratando-se de uma postura metodologia, epistemológica, política que se contrapõe ao “idealismo metodológico”.

## **Histórico**

O projeto de Extensão “Bom Dia, Comunidade!” faz parte do atual quadro de projetos e atividades do Nucom. Sua origem advém de reflexões que surgiram após um processo seletivo ao já referido núcleo, em que se havia um número maior de candidatos do que de vagas disponíveis. Os extensionistas do núcleo observaram que muitos dos candidatos sequer sabiam o que era o Nucom, a Psicologia Comunitária, o seu objeto de estudo e forma de atuação desenvolvida pelo núcleo. Pensou-se, então, em se criar um grupo de estudos introdutório sobre Psicologia Comunitária, que também pudesse servir como uma forma de aproximação entre os estudantes do curso e o núcleo.

Desde a sua criação, no ano de 2005, até os dias atuais, o projeto mantém atividades todos os semestres, principalmente pela importância dada à ele pelos extensionistas do Nucom, que tiveram, grande parte, como primeiro contato com a Psicologia Comunitária algum dos grupos ofertados pelo espaço. Todo semestre o projeto “Bom Dia, Comunidade!” oferta um grupo de discussão e vivência (GDV), que é divulgado como sendo um grupo de estudos, sendo este aberto a estudantes de outras instituições, e profissionais que possuam interesse em se aproximar da teoria e dos questionamentos da Psicologia Comunitária.

O GDV é uma modalidade-metodologia de apresentação acadêmica, ainda não sistematizado e publicizado em meios e periódicos acadêmicos. Tal modalidade-metodologia surgiu dentro do movimento estudantil do Norte e Nordeste, nas experiências com o EREP – Encontro Regional de Estudantes de Psicologia. Sua proposta é de aliar a discussão acadêmica com o lado vivencial e afetivo, sem desconectar os dois lados. Tal perspectiva nunca foi assumida pelo coletivo, sendo, primeiramente defendida neste trabalho pelo autor, apesar de haverem contrapontos entre a perspectiva adotada pela COEREP (Coletivo Organizador do Encontro Regional de Estudantes de Psicologia) e a perspectiva adotada pelo projeto. Estas questões, entretanto, não são o foco principal deste trabalho.

O projeto também conta com uma bolsa de extensão pela Universidade Federal do Ceará advindo da Pró-Reitoria de Extensão, que ajuda com os custos do projeto e garante uma sustentabilidade mínima ao bolsista. O projeto possui como objetivo principal “Difundir a práxis da Psicologia Comunitária desenvolvida pelo Nucom” e como objetivos específicos: Aproximar estudantes interessados no conhecimento da

Psicologia Comunitária frente a conceitos e trabalhos desenvolvidos nesta área; Garantir um espaço de aprendizagem acerca da teoria e das práticas da Psicologia Comunitária desenvolvidas no núcleo; e Integrar, em maior escala, a Universidade e a sociedade.

Procura, por meio de suas ações atuar no sentido de formar profissionais que possuam maiores aportes para uma atuação psicossocial voltado para o desenvolvimento da autonomia e da conscientização, através das discussões da práxis da Psicologia Comunitária, seu modo de atuação, suas principais categorias e seu objeto de estudo, a saber o “modo de vida da comunidade e do município e de como este se reflete e muda na mente de seus moradores para, de novo, surgir transformando, singularizando, em suas atividades concretas no dia-a-dia do lugar” (Góis, 2005, p.51-52) e vivências em atividades práticas (como as visitas às políticas públicas ou movimentos comunitários) e metodologias de trabalho em grupo.

Tais práticas dentro do projeto são reflexo de uma preocupação com a afirmação do papel social da Universidade, bandeira de luta constante do movimento estudantil universitário desde o período histórico que culminou com a criação da UNE até os dias atuais (SOUSA, 2000). O objetivo específico “Integrar, em maior escala, a Universidade e a sociedade” é fruto da preocupação que o movimento estudantil possui com esta questão, e está presente no projeto porque os estudantes que o fundaram eram participantes do movimento estudantil. Até os dias atuais, boa parte dos membros do Nucom também passaram pelo Centro Acadêmico ou outras formas de movimentação estudantil, e muitas características do Nucom (e da própria Psicologia Comunitária) são fruto desta articulação.

Há de se questionar, porque um projeto que promove grupos de discussão e vivência e realiza visitas pontuais pode ser configurado como uma ação de extensão? A conceitualização do que seria extensão é bastante vasta, como nos remete Sousa (2000) em todo o seu percurso para investigar a história da extensão universitária.

Seu conceito passa desde divulgação dos conhecimentos da universidade até prestação de serviços à comunidade. A falta de clareza quanto ao que seria Extensão ou quanto ao seu papel gerou discussões dentro do Nucom, culminando, inclusive, com uma revisão quanto ao termo e publicação de artigos em um livro. Neste movimento, Ximenes *et al* (2007) coloca que cabe refletir o conceito de extensão para além de divulgação de conhecimentos e tecnologias a comunidade, ou como atividade de prestação de serviços enquanto Barros & Nepomuceno (2007) colocam que a extensão tem adquirido em inúmeras situações um caráter de mera prestação pontual de serviços.

De acordo com os autores, a Universidade, segundo este modelo, entenderia seu conhecimento à comunidade denotando a superioridade do ator acadêmico em detrimento do ator popular.

Freire no seu livro “Comunicação ou extensão” (1987) coloca que o termo extensão é um termo equivocado, pois pressupõe uma relação de via única, de estender sobre, o que configura (e produz) relações de dominação. Propõe um novo termo, chamado de comunicação, alicerçado no diálogo, ressaltando que “como encontro entre homens para a tarefa comum de saber agir, se rompe se seus pólos (ou um deles) perdem a humildade” (p.80).

Ximenes *et al* (2007) alicerçados nas reflexões que Paulo Freire coloca, propõem um novo modelo de atuação que é denominado cooperação universitária. A cooperação pressuporia “uma ação compartilhada e construída coletivamente entre ‘companheiros de pronúncia de mundo’ que através de uma operação conjunta atuariam na realidade” (p.33).

Segundo estes princípios, o Bom Dia poderia ser chamado de um projeto de cooperação, entretanto, sem possuir a pretensão de querer transformar a realidade de opressão e exploração de forma direta. É um espaço capaz de gerar problematizações, manter um diálogo entre saber acadêmico e saber popular, um espaço de ações coletivas, que possui, sim, uma relação entre sociedade e universidade, ainda que pontual e bastante lúcido quanto a seus limites.

Entretanto, seu foco é a formação de profissionais mais sensíveis as causas sociais e que possuam aportes para atuações de cooperação, sendo este um pequeno, ainda que interessante passo para efetivar o que Barros & Nepomuceno (2007) trazem: que “é necessária uma nova universidade que possua a problemática das maiorias oprimidas e exploradas como ponto de partida” (p. 45).

### **Eixos de Estruturação**

Uma das características próprias do Bom Dia é que ele se estrutura a partir de quatro eixos, todos de igual importância para a plena efetivação de seus objetivos. Estes eixos são: Teórico, Prático, Instrumental e Poético.

O eixo Teórico garante o respaldo teórico e discussão das bases e principais conceitos da teoria da Psicologia Comunitária. Abrange a leitura e discussão dos textos durante os encontros. O eixo Prático objetiva levar o estudante do grupo de estudos,

geralmente de primeiro semestre, a ter um contato com a realidade, sair dos muros da universidade e do conformo das paredes dos laboratórios e núcleos, com o objetivo de refletir e discutir o conteúdo estudado no grupo de estudos a partir de um recorte da realidade social e/ou da atuação do psicólogo frente a esta realidade. Geralmente, são atividades que garantem o exercício deste eixo, a discussão de um filme a partir dos conteúdos estudados e a visita a alguma política pública, associação, movimento comunitário ou *locus* de atuação comunitária.

Geralmente, as visitas para políticas públicas ou campos de atuação comunitária são difíceis de concretizarem, tendo em vista a exigência da necessidade de reservar um espaço de tempo para se locomover para fora da universidade e de se haver uma articulação com estes campos de atuação. Porém, o esforço se mostra proveitoso quando é executado. Dois exemplos de visitas a espaços fora da universidade foram as visitas ao fórum da raiz de cidadania, com o grupo de 2008.1 e a visita ao CAPS do Bom Jardim, em 2008.2.

Entretanto, se realizar as visitas às comunidades é extremamente difícil e por vezes não se concretiza de fato, uma vez que exige uma articulação entre os facilitadores do projeto e movimentos comunitários e políticas públicas, o que não é tão fácil de ser realizado. Por vezes, não há espaço para que esta articulação ocorra. Os campos de atuação do Nucom, no momento, não são espaços que permitem a visita de mais pessoas devido a sua dinâmica.

Entretanto, a prática de discutir filmes, entendendo-os como um recorte da realidade, é muito comum dentro do Projeto, e todo semestre ocorre pelo menos uma discussão de filme dentro dos grupos. Dois filmes que já foram discutidos no grupo foram “Quanto vale ou é por quilo?” (BIANCHI, 2005), que aborda o tema do terceiro setor e da mercadologização do investimento social; e o filme “Narradores de Javé” (CAFFÉ, 2003) que retrata uma parcela da dinâmica comunitária e a construção histórico-cultural da realidade.

O eixo Instrumental consiste na facilitação por parte dos participantes dos textos a serem estudados no grupo de estudos. Permite que os participantes tenham experiência de facilitação e de uso de metodologias da psicologia comunitária, como círculos de cultura (Freire 1989), contra história (Góis, 2008), dentre outras. Este eixo é muito importante e caracteriza o projeto, pois os participantes, inclusive, são livres para criarem as suas próprias metodologias, fugindo das formas tradicionais de discussão de textos.

As facilitações são planejadas em grupos, geralmente de três responsáveis, sendo dois participantes, que estarão mais a frente de pensar e de executar a metodologia, e um dos extensionistas que faz parte do projeto enquanto facilitador, que auxilia nas atividades desenvolvidas.

O quarto eixo é o Poético, palavra que vem do grego *poiesis* que significa criação ou ato criador. Juntamente com o eixo instrumental, é um dos eixos que dá característica própria para o “Bom Dia”. Consiste em garantir em alguns encontros, espaços de expressão e criação artística ou produção intelectual, geralmente incorporados nas metodologias. Se efetiva, por exemplo<sup>4</sup>, quando, no encontro para se discutir Comunidade, duplas devem expressar no papel, usando giz de cera, o que é uma comunidade para eles por meio de um desenho; ou quando se formam subgrupos e cada um deve elaborar uma esquete (pequena apresentação teatral), que retrate um dos tipos de consciência social dentro da teoria de Paulo Freire.

A partir da articulação entre estes eixos, a articulação entre as discussões sobre a teoria da Psicologia Comunitária com as visitas e com os filmes e recortes da realidade, e das facilitações planejadas e executadas pelos próprios integrantes; o “Bom Dia” adquire sua identidade própria. Constitui-se como um perfil de formação integral – que entende a formação enquanto apropriação teórica, mas também enquanto desenvolvimento de autonomia, uso de metodologias de facilitação, não separação entre pensar e fazer, não negação do lado vivencial e afetivo e capacidade de expressão.

Tais características também são importantes, pois evidenciam que o projeto procura manter processos democráticos e pautados na autonomia e na participação, tanto na decisão dos rumos do projeto quanto na condução dos encontros e atividades a serem desenvolvidas no decorrer do semestre.

### **Compreensões teóricas sobre o processo grupal do “Bom dia”**

O Bom Dia se fundamenta como um espaço de Aprendizagem Significativa, modelo que se contrapõe à educação bancária ou depositária, em que o conhecimento é estendido ou depositado, reproduzido nos beneficiados do projeto, sem que o conhecimento depositado faça necessariamente sentido ou que esteja atrelado a realidade dos estudantes.

---

<sup>4</sup> Tais colocações advém de encontros em que o autor pôde presenciar durante sua participação no projeto ao longo dos quatro anos em que esteve envolvido com este.

O Bom Dia se configura como dentro de um modelo de Aprendizagem Significativa, pois em suas metodologias se busca construir conhecimento, gerar e desenvolver discussões a partir da realidade e da história de vida dos estudantes. Cabe valorizar o conhecimento, mesmo que popular e senso-comum, daqueles que estão no projeto enquanto participantes, e considerar seus conhecimentos prévios, dúvidas e questionamentos como parte da constituição de conhecimento, e trazer os sentidos a história de vida e a realidade dos estudantes do projeto para discussão.

Colocando nestas palavras, pode parecer complicado, mas é mais simples do aparenta, sendo necessário apenas atenção e compromisso para com este objetivo. Como, por exemplo, no encontro que teve como tema comunidade: Ao invés de amarrar um conceito pronto do que seria comunidade a partir do texto, a metodologia consistiu em fazer com que os participantes do grupo desenhassem o que era uma comunidade para cada um deles.

A partir destes desenhos, houve uma discussão sobre os sentidos que o grupo trazia sobre a idéia de comunidade, para, a partir destes sentidos, trazer as idéias e questionamentos do texto. Outro exemplo é na elaboração dos esquetes para ilustrar os tipos de consciência social em Paulo Freire. Os participantes trazem parte da sua história de vida, da sua realidade e de suas idéias, assim como também trazem a teoria, na elaboração e na encenação do esquete; e, usando os esquetes como ilustração, pôde-se trazer uma discussão. Da mesma forma, o inverso também é possível; realizar primeiro uma discussão das idéias do texto para então partir para uma discussão que esteja atrelada aos sentidos e conhecimentos prévios dos envolvidos no ato de aprender e discutir Psicologia Comunitária no projeto.

Segundo Vigotski (2004), há duas dimensões de significação do mundo e de si. Uma seria do significado, a significação composta de uma interpretação e construção coletiva formada pelo processo histórico e encerrada na palavra. Já o outro âmbito seria do sentido, a forma como o sujeito vivencia e percebe o significado, ou seja, o significado individual da palavra. Portanto, sentido e significado são complementares, um necessitando do outro para existir, assim como o âmbito social é movido pela esfera individual. Essa interação sentido-significado é a motriz da constituição da consciência, reconhecendo a dimensão coletiva como solo da evidência do significado individual.

Vigotsky (2004) expõe que a aprendizagem está situada no movimento desses sentidos que são os conhecimentos pessoais vinculados aos contextos de uso e às experiências pessoais com os outros. Aprendizagem dá-se quando uma zona de

desenvolvimento potencial é, a partir do movimento dos sentidos, suplantada por uma zona de desenvolvimento real, criando uma nova zona de desenvolvimento potencial (VIGOTSKI, 2004).

Além disso, percebe-se a Psicologia Comunitária, a partir das influências que advém da teoria de Carl Rogers, vê os homens enquanto sujeitos de potencialidades, detentores de uma força atualizadora ou reguladora, que leva ao crescimento em condições favoráveis ou à adaptação em condições desfavoráveis (ROGERS, 1983).

Esta visão também está presente dentro do “Bom Dia”: todos os participantes possuem potencialidades, que podem ser desenvolvidas no decorrer do processo. Para tal, os facilitadores extensionistas devem atentar para desenvolverem este clima facilitador dentro do grupo. As condições facilitadoras trazidas por Carl Rogers são importantes dentro do grupo. Empatia para compreender os estudantes que se impõem e os que permanecem mais intimistas; ao passo da congruência, manter relações transparentes e sinceras; e a aceitação e valorização dos participantes do projeto, aceitação de suas opiniões, do conhecimento que eles trazem, de suas posturas e de seu valor dentro do grupo.

Devido a esta tentativa de fazer do grupo de estudos um clima facilitador, o ambiente por diversas vezes se torna propício para o surgimento de vínculos afetivos entre os estudantes que discutem Psicologia Comunitária, mas também desenham, expressam suas idéias, seus sentimentos e suas opiniões. Os participantes sentem-se aceitos e encontram no grupo relações horizontais e transparentes, passando a compartilhar mais do que a leitura dos textos. Não raro os participantes e facilitadores do projeto se referem ao espaço do “Bom Dia” como um espaço agradável de participar, que gera bem estar.

Obviamente, a intenção do autor também não é generalizar e criar uma verdade fechada e terminada a respeito do clima facilitador dos grupos promovidos pelo projeto. Muito do andamento do grupo depende do próprio grupo: dos facilitadores extensionistas e dos participantes, em igual relevância.

Traze-se também o quanto o espaço ao longo do tempo tem se configurado como um espaço de acolhida e de formação de vínculos, não descolando o campo da afetividade do campo da formação acadêmica. A formação de vínculos ocorre devido à postura facilitadora que os extensionistas do projeto procuram manter e à relação horizontal em relação com os demais participantes.

## **Considerações finais**

A pretensão deste texto é, apenas, expor um pouco do que é o “Bom Dia, Comunidade!” e de algumas de suas características que o tornam diferente de outros grupos de estudo convencionais. Percebendo que o grupo de estudos é importante para os estudantes da graduação, principalmente os de primeiro semestre, por ser um espaço pertinente para se discutir não apenas Psicologia Comunitária, mas outros pontos que tendem sempre a surgir como compromisso social, desigualdade, diálogo, política; sendo estas questões interessantes e relevantes mesmo para aqueles participantes que não cheguem a se interessar de forma sistemática pela Psicologia Comunitária.

Pode-se concluir que o grupo configura-se como espaço propício não apenas para o desenvolvimento intelectual, mas também para o desenvolvimento pessoal dos seus participantes, e geralmente trata-se de um canal de aproximação dos estudantes da graduação com o NUCOM e com a Psicologia Comunitária

A efetivação completa dos objetivos do projeto se dá através da articulação entre seus quatro eixos, o que pode vir a ser um pouco difícil dependendo da realidade do grupo e dos facilitadores extensionistas do Nucom. Porém tentativas são válidas, e o máximo que puder ser feito faz diferença na formação dos participantes do grupo, principalmente se o grupo, ou parte dele, puder transpor os limites dos muros da universidade, mesmo que por um único dia, e poder ter contato com a realidade prática e concreta da atuação em Psicologia Comunitária. Neste sentido se realiza, sim, uma extensão: não uma extensão do conhecimento produzido pela universidade para os setores menos favorecidos da sociedade de forma autoritária, mas uma extensão do papel da universidade e da formação acadêmica profissional para além dos seus muros.

## **Referências**

BARROS, J. P. P; NEPOMUCENO, B. B. Psicologia Comunitária e núcleo de Psicologia Comunitária da UFC (NUCOM): Por um novo paradigma de cooperação dialógica e solidária entre universidade e Comunidade In: CORDEIRO, A. C. F. C; VIEIRA, E. M; XIMENES, V. M. (orgs) **Psicologia e(m) transformação social: práticas e diálogos**. Fortaleza: Aquarela, 2007

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989

GÓIS, C. W. L. **Psicologia Comunitária atividade e consciência**. Fortaleza, CE: Publicações Instituto Paulo freire e Estudos Psicossociais, 2005

GÓIS, C. W. **Saúde Comunitária Pensar e Fazer**. Fortaleza, CE: Editora HUCITEC, 2009

MARTÍN-BARÓ, I. **Para uma psicologia da Libertação**. In: Guzzo, R. S. L. Lacerda-Jr, F. (orgs), *Psicologia Social para a América Latina*, Campinas, SP: Editora Alínea, pp. 181-197, 2009.

NEPOMUCENO, L. B; XIMENES, V. M; CIDADE, E. C; MENDONÇA, F. W O; SOARES, C. A. Por uma psicologia comunitária como práxis de libertação. **Psico**, Porto Alegre, PUCRS, v. 39, n. 4, pp. 456-464, out./dez. 2008

ROGERS, C. R. **Um jeito de ser**. São Paulo: EPU, 1983.

SOUSA, A. L. L. **A História da Extensão Universitária**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2000

VIGOTSKI, L.S. **Teoria e Método em Psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

XIMENES, V. M; NEPOMUCENO, B. B; MOREIRA, A. E. M. M. Cooperação Universitária: Uma prática comunitária/libertadora a partir da psicologia comunitária In: CORDEIRO, A. C. F. C; VIEIRA, E. M; XIMENES, V. M. (orgs) **Psicologia e(m) transformação social: práticas e diálogos**. Fortaleza: Aquarela, 2007